

# Os primeiros homens na Lua, de H. G. Wells: da inocência à violência

LEONOR SAMPAIO DA SILVA\*

## A ficção científica de H. G. Wells

*The First Men in the Moon* foi inicialmente publicado no periódico *The Strand Magazine*, de Dezembro de 1900 a Agosto de 1901, e mais tarde em livro (1901). A sua acção decorre durante os anos cruciais da viragem do século, sinalizando um novo ciclo de conquista científica, ocupada com a exploração do espaço. É, por conseguinte, uma previsão dos factos que ocorreriam no século XX, nomeadamente no contexto da alunagem que, em 1969, colocaria dois homens na Lua.

É sabido que a ficção científica é o laboratório literário em que hipóteses científicas são testadas antes de se tornarem descobertas efectivas e transitarem para a nossa realidade quotidiana. Foi assim com a viagem aérea e submarina, com a clonagem e muitas outras etapas do progresso científico. Assim aconteceu também com o universo fantasioso de *The First Men in the Moon*. O livro inspirou o trabalho de um dos pioneiros da história da viagem espacial, Robert Hutchings Goddard (1882-1945), um engenheiro americano que inventou o foguetão abastecido a combustível líquido, lançado com sucesso, pela primeira vez, a 16 de Março de 1926, o que viria a iniciar uma era de inovação neste campo.

---

\* Universidade dos Açores, CHAM e FCSH, Portugal.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4241-272X>. E-mail: maria.ls.silva@uac.pt.

Mais importante, porém, do que a antecipação das viagens interplanetárias, a obra de Wells oferece-nos a oportunidade de considerarmos cenários em que se analisam possibilidades de actuação em face de desafios futuros que poderão pôr à prova a sobrevivência da espécie. Todos os inícios são incertos e conturbados, mantendo-se neste registo durante algum tempo. É frequente as épocas de transição serem dadas à coexistência de extremos e à presença de dúvidas em face do desconhecido. É neste terreno que germinam as hipóteses, isto é, formulações provisórias do que é aparentemente inexplicável, incerto ou obscuro. A hipótese representa um patamar importante na resolução de problemas, visando ordenar o raciocínio de modo a que se progrida com a informação necessária ao controlo possível da realidade. A hipótese é, assim, um instrumento fundamental na evolução da teoria à prática e, portanto, um exercício em que a imaginação se alia à consciência do real.

A obra wellsiana constitui prova exemplar desta aliança. A intenção subjacente à estratégia seguida pelo autor nas suas obras literárias é a de rejeitar uma visão da literatura exclusivamente limitada à fruição estética. Ao contrário de alguns escritores do seu tempo, como Henry James, Wells pretendia evidenciar a literatura enquanto força social (West 1985, 49). Foi assim que, a par de uma profícua produção literária, se empenhou activamente na defesa de causas políticas e sociais, como tão bem demonstram os seus ensaios. Lovat Dickson distingue-o como um dos poucos autores capazes de “escrever romances e planejar a reconstrução do mundo ao mesmo tempo” (1972, 330).

A preferência pela ficção científica expressa a importância da realidade como fonte de que se alimenta a obra literária e indicia a forte consciência histórica que, no autor, coexiste com o mais fantástico trabalho da imaginação. Mesmo que a hipótese nunca chegue a concretizar-se nos moldes anunciados, ela obriga-nos a explorar o universo provável de caminhos e, neste processo, prepara-nos para a escolha dos passos mais consentâneos com o que pretendemos da vida. Formado na área da História Natural (como era então conhecida a Biologia) e seguidor do pensamento de T. H. Huxley<sup>1</sup>, reputado porta-voz do conhecimento científico, H. G. Wells movimentava-se de modo igualmente confortável nos laboratórios científicos e literários, e usou isso nas

---

1 Como afirma Haynes (1980, 91): “Wells’s first assumption, derived directly from Huxley, was that the cosmic process of evolution was basically amoral and could not be expected in itself to produce a more moral species [...] or to provide the principles of an ethically conscious society. Thus, there being no inherent virtue in nature, man must strive to direct and control his own evolution, including the evolution of society”.

suas ficções literárias. A teoria evolucionista foi uma influência nuclear na obra que nos deixou. Wells acreditava que o ser humano era o menos natural de todos os animais e, nesta condição, era seu dever, tanto pessoal como coletivo, “resistir à entropia inevitável da selecção natural” (McConnell 1981, 197) e criar um ambiente propício à preservação da vida.

Além de se centrar na testagem de uma hipótese científica, a ficção científica distingue-se das outras variantes da literatura fantástica por recorrer a pressupostos racionais e cientificamente fundamentados de modo a “suspender a descrença do leitor no estado de coisas extraordinário”<sup>2</sup> (Philmus 1970, vii) que lhe é narrado. O recurso a aspectos cientificamente verosímeis, ou na ordem do dia, cativa a atenção e opera uma transmutação da matéria histórica. A causa desta metamorfose repousa no tratamento satírico a que são sujeitos os elementos da realidade. Ideias e valores conhecidos são reduzidos ao absurdo à luz das conseqüências que acarretam, daí resultando a validação sub-reptícia do seu oposto. No caso da obra presentemente em análise, expõe-se como nefasto o sonho imperialista de domínio do mundo ou – na era espacial – do universo. Neste sentido, a ficção científica desloca sectores aparentemente invioláveis da realidade para um campo aberto à crítica, em que os defeitos e imperfeições da sociedade humana se revelam em toda a sua fragilidade.

Tudo isto aponta para uma visão peculiar do contexto histórico neste género literário. O tratamento caricato e absurdo dos traços da realidade acaba por mitificar o oposto do que caracteriza o momento histórico. Segundo Philmus, a mitificação acontece através da interpretação dramaticamente crítica do presente. Novos mitos substituem idealizações antigas, evidenciando o carácter dinâmico do fluir temporal e a necessidade de o comportamento e os valores humanos se actualizarem perante os desafios que cada época traz à vida social.

Um dos mitos mais persistentemente revistos e avaliados nas suas conseqüências é o mito do conhecimento que não respeita os limites a que deve obedecer, ao ponto de rivalizar com o poder da natureza. Geralmente punido de forma exemplar, este conhecimento está presente em *The First Men in the Moon*, em associação estreita com o da supremacia do homem branco e correlatas extensões imperialistas. Em conjunto com as hipóteses científicas

---

2 No original: “[...] to get the reader to suspend disbelief in a fantastic state of affairs”. Philmus apropria-se aqui, claramente, da formulação do poeta romântico S. T. Coleridge acerca da poesia como “suspension of disbelief” e transfere esta ideia para a ficção científica.

abordadas no livro, o mito imperialista fornece aos leitores uma visão global de como será o futuro. Desta visão, nasce uma nova hipótese, a considerar pela humanidade. A hipótese literária é, também nisto, semelhante à científica: ela é constantemente atualizada, fazendo parte de um conjunto de fracassos cujo resultado – espera-se – venha a ser um dia factor de sucesso, não para um indivíduo ou um punhado de pessoas, mas para toda a humanidade.

### **As hipóteses científicas de *The First Men in the Moon***

Durante séculos, a mente humana deixou-se fascinar pela chegada à Lua. O sucesso da alunagem é, ainda hoje, considerado um dos empreendimentos mais extraordinários de todos os tempos, por combinar imaginação, conhecimento e espírito de equipa. Não deve, portanto, constituir surpresa que este sucesso tenha sido pensado por H. G. Wells. Para a sua concretização, o livro desenvolve-se em torno de duas hipóteses científicas interligadas: o voo espacial com aterragem bem-sucedida na superfície lunar e a existência de vida inteligente noutros planetas.

A primeira hipótese é viabilizada graças à invenção de uma substância anuladora da gravidade, a cavorite, descoberta e nomeada pelo cientista, Cavor, a partir do seu próprio nome. Mantendo secreta a composição desta substância, sabemos, no entanto, que ele a criou a partir de um conjunto “complicado de algo novo – um novo elemento”, chamado hélio (Wells [1901] s.d., 20). A descoberta de hélio na Terra data de 1895, um feito atribuído ao britânico Sir William Ramsay, ou seja, uma descoberta muito recente em 1899, ano em que o livro terá sido concebido e em que se situa a acção narrada. A 14 de Outubro desse ano, Cavor consegue finalmente produzir a substância, preparando-se para “a trip to the Moon”, como lhe chama Bedford, evocando o título inglês do livro publicado por Jules Verne em 1865. O narrador repara, porém, que Cavor não tem hábitos de leitura ficcional (“not a reader of fiction”, Wells [1901] s.d., 37), demonstrando assim que, ao contrário de Verne, ele trabalhava segundo uma base racional e científica.

O cientista inglês constrói uma esfera de vidro como meio de transporte e convence Bedford a acompanhá-lo na aventura espacial. Depois de um breve momento de hesitação, Bedford, sendo um homem prático, antevê um largo espectro de possibilidades: a viagem à Lua seria apenas o primeiro passo para a conquista do espaço. Ele imagina planetas convertidos em sanatórios e prevê deter o monopólio das viagens espaciais no sistema solar – aspectos de uma visão imperial que começa a tomar forma ainda antes de eles deixarem a Terra.

O início da viagem é comparado ao princípio de um sonho (Wells [1901] s.d., 57) – uma moldura onírica circunda a Lua transformando-a num espaço utópico: o inverso e (espera-se) a versão aperfeiçoada do mundo conhecido.

Uma das primeiras imagens da Lua (Wells [1901] s.d., 54) fornece-nos um exemplo inequívoco da dimensão utópica que lhe é atribuída. O narrador sublinha o carácter peculiar da direcção da luz, incidindo não a partir do alto ou dos lados (como na Terra), mas de baixo. Um mundo às avessas sempre representou o apelo utópico. Tudo contradiz a experiência histórica de quem chega à Utopia, situando-se nos antípodas do esperado.

A segunda hipótese baseia-se em dois princípios: o princípio de Copérnico, segundo o qual a Terra não é o único corpo do Universo, e o princípio da mediocridade, que estabelece não haver nada de especial na vida existente à superfície da Terra. Inventado o telescópio, ficou provada a extensão do número de planetas, e a possibilidade da vida extraterrestre tornou-se um tópico recorrente em obras científicas e literárias.

Alguns anos antes da publicação de *The First Men in the Moon*, H. G. Wells escrevera sobre uma eventual invasão da Terra pelos marcianos. *A guerra dos mundos* apresenta-nos uma civilização alienígena superior em tecnologia e avanço científico. Os humanos só conseguem derrotar os marcianos com a ajuda da Natureza, pois os invasores são vulneráveis a bactérias do corpo humano. A mesma hipótese da superioridade científica dos extraterrestres reaparece em *The First Men in the Moon*. Quanto ao princípio da mediocridade, Wells apoia-se no trabalho de Francis Galton, um cientista britânico que escreveu sobre a possibilidade de comunicação entre planetas, abrindo caminho para uma espécie de código Morse assente na luz, em 1896.

As duas hipóteses originam-se, assim, na previsão partilhada pela ciência e pela literatura de que será possível a viagem interplanetária e a existência de vida noutros lugares do universo.

### **A chegada à Lua**

Formuladas as hipóteses, o livro procede à sua testagem. O meio de transporte é feito com base em cálculos minuciosos. A viagem realiza-se. A alunagem assemelha-se ao padrão geral da entrada em espaços utópicos: trata-se de uma aventura perigosa (“o perigo maior da nossa viagem”, como diz o narrador)<sup>3</sup>,

---

3 Nas palavras do livro: “the real danger of our journey” (Wells s.d., 62).

um momento caótico, de total abandono ao acaso e ao poder dos elementos<sup>4</sup>. Dir-se-ia tratar-se de um segundo nascimento para uma vida diametralmente oposta à que haviam conhecido até então. De facto, o que os espera à saída da cápsula é radicalmente diferente da Terra. Está frio e escuro no exterior da esfera. Cavor e Bedford devem esperar simbolicamente que comece o dia lunar antes de se aventurarem em explorações no terreno. No interior da esfera de vidro, como se dum ventre se tratasse, eles estão protegidos, e a saída coincide com um novo ciclo de luz para eles e para a Lua. Destaque-se a influência recíproca entre o espaço e as personagens, ela própria reveladora do vínculo entre a Terra e o seu satélite.

Enquanto observam de perto o planeta pela primeira vez, constataam um cenário desolador. O espectro de cores é sombrio e monótono. Tudo é negro ou cinzento ou branco, devido à atmosfera gelada. As temperaturas são extremas: a noite lunar é mortalmente fria, e o dia excessivamente quente. Com a aurora chegam também desafios inesperados: o ar no exterior ferve e passa, como se fosse uma pasta ou lama, borbulhando e empurrando a esfera. Esta escorrega, cai, rola por uma encosta, numa velocidade crescente. Bedford perde os sentidos – e assim o renascimento fica completo. Ao recuperar a consciência, Cavor havia simbolicamente colocado óculos de lentes azuis no seu rosto para proteger os olhos da agressividade da luz solar. O seu modo de ver é, necessariamente, condicionado pelo equipamento técnico e intelectual que trazem da Terra. Mesmo assim, só depois de o ar evaporar com o calor é que eles podem, finalmente, ver o solo da Lua.

### **Explorando a Lua: inocência**

O dia torna visível uma nova imagem da Lua. As cores são, agora, semelhantes às da Terra: âmbar e púrpura, céu azul, solo de um castanho argiloso predominam. A vida desponta: as sementes estalam e crescem a um ritmo veloz. Tudo é majestoso: as temperaturas extremas, o alcance de cada movimento, o ritmo de crescimento das plantas, o tamanho dos animais e, como eles virão a perceber mais tarde, a quantidade e espécie de maquinaria, de disciplina e de ordem nas quais assenta aquela sociedade. Até o poder do governante é assombroso.

---

4 “[...] and then we were rolling over and over, bumping against the glass, and against the big bale of our luggage, and clutching at each other [...] Over, clutch, bump, clutch, bump, over” (Wells s.d., 63-64).

Imediatamente depois da saída da esfera, impõe-se a adaptação a um mundo completamente diferente do conhecido. Devido ao menor impacto da gravidade, cada passo que eles dão equivale a um salto. Com poucos passos alcançam longas distâncias e perdem-se de vista. Cavor é o primeiro a partir em explorações. A descrição que Bedford faz dele lembra-nos a pose do conquistador, parecendo muito mais alto do que realmente é, de pé sobre um maciço rochoso. Mas é o deslumbramento<sup>5</sup> que os caracteriza neste ponto da narrativa. Estão fascinados, mas avançam com prudência, dado que não controlam as conseqüências dos seus movimentos, nem se sentem familiarizados com o espaço. A paisagem parece saída dum sonho e a primeira ideia que lhes ocorre é que se encontram num lugar aparentemente deserto: “Este mundo não é para os homens”. Apesar disso, Cavor acrescenta: “E, no entanto, é fascinante”<sup>6</sup>.

É neste estado confuso e tumultuado que eles exploram o território lunar. O olhar deles é, nesta fase, inocente, na acepção em que William Blake usa o termo nas *Songs* de 1789: a condição vulnerável da infância crédula e solitária, sonhadora e despojada, esperançosa e impreparada para as dificuldades da vida. Não obstante a intuição de que *aquela não é um mundo que sirva à humanidade*, eles continuam a explorá-lo com um prazer infantil: desorganizados e sem destino.

Enquanto isso, a vegetação lunar vai crescendo, alta e densa, formando uma selva espessa e emaranhada, de formas estranhas e sinuosas. Os exploradores sentem um prenúncio de perigo à medida que a sobrevivência vai exigindo cada vez mais poder e conhecimento – duas coisas que eles não possuem neste estágio inicial da sua aventura.

A primeira vez que tomam consciência da condição vulnerável em que se encontram acontece quando se apercebem de que se afastaram tanto da esfera que nem a conseguem ver. Sem a protecção do ventre de onde saíram, estão à mercê dos elementos lunares extremos, sobretudo o calor e o frio intensos, este último o mais fatal dos dois. A vegetação profusa e fortemente enredada impede-os de observar com precisão o território. Enquanto avaliam a situação, ouvem um barulho estranho sob os seus pés<sup>7</sup>.

---

5 Como diz Bedford: “I found myself flying through the air, saw the rock on which he stood coming to meet me, clutched it and clung in a state of infinite amazement. I gasped a painful laugh. I was tremendously confused” (Wells s.d., 84).

6 “This is no world for men. [...] And yet, in a way, it appeals” (Wells s.d., 86).

7 “Boom... Boom... Boom... Boom” (Wells s.d., 94).

As primeiras informações são recolhidas através dos órgãos dos sentidos, e tanto a visão como o tacto e a audição enviam sinais ameaçadores do que os espera, acentuando a sensação de vulnerabilidade. Se os extremos de temperatura podem ser fatais e a visão fica comprometida com a altura e densidade das plantas lunares, o som subterrâneo é comparado ao bater das horas num relógio gigantesco. A informação que lhes chega por via da audição “altera o tipo de coisas”<sup>8</sup> que os rodeia, sublinhando a pequenez dos humanos num universo monstruosamente poderoso. Mais uma vez a linguagem literária proporciona uma imagem de mudança. A seguir ao segundo nascimento, o bater das horas de um relógio gigantesco representa a chegada de um tempo novo: o século XX, na Terra, e a transição da inocência para a experiência violenta, na Lua.

Como se verá depois, o som não resulta dum mecanismo, mas dos urros e patadas de grandes animais subindo desde as regiões subterrâneas da Lua até à superfície. O gado lunar é monstruoso, apresentando-se com mais de vinte e quatro metros de altura. Os Selenitas, surpreendentemente pequenos, não chegam a medir um metro e meio de altura, mas, apesar disso, acompanham, guiam e controlam os animais. A supremacia dos habitantes minúsculos sobre os animais gigantescos anuncia a submissão da natureza às mãos da civilização. Novamente, o recurso a um padrão de contrastes extremos é visível e opera como uma ameaça à vida humana.

Cavor e Bedford tentam esconder-se dos habitantes, mas, pressionados pela fome, arriscam alimentar-se de uns cogumelos que, afinal, são venenosos. Fica, assim, completa a informação veiculada pelos sentidos: a experiência que os aguarda comporta riscos para a sobrevivência. O relógio assinalara correctamente a chegada de uma mudança naquela aventura. Sob o efeito do veneno, eles perdem a competência discursiva e as suas mentes acalentam sonhos imperialistas. “‘Temos de anexar esta lua,’ diz Bedford. ‘Não pode haver hesitações. Isto faz parte do Fardo do Homem Branco’”<sup>9</sup>.

O raciocínio prossegue segundo o esquema mental imperialista. Bedford argumenta que a chegada e invasão da Lua pelos humanos conferirá inúmeros benefícios à população, tal como a chegada de Colombo à América trouxe

8 “No sound that I can imagine could have astonished us more or have changed more completely the quality of things about us. For this sound, rich, slow, and deliberate, seemed to us as though it could be nothing but **the striking of some gigantic clock**” (Wells s. d., 94) (ênfase da autora).

9 “‘We must annex this moon’ says Bedford. ‘There must be no shilly-shally. This is part of the White Man’s Burthen’” (Wells s.d., 110).



vantagens aos povos indígenas. Mais tarde, ele procurará explicar estas palavras à luz da intoxicação que tivera, demonstrando, assim, um desejo de afastamento daquele esquema mental, assim como a intenção de repelir qualquer responsabilidade por ideias imperialistas. Tendo ou não sido o veneno o responsável pelas palavras ditas, fica a mensagem do carácter venenoso do colonialismo e da vergonha que ele representa para os seus defensores.

Sob o efeito das substâncias ingeridas, Bedford e Cavor adoecem gravemente e, quando recuperam a saúde, veem-se prisioneiros nas profundezas da Lua. É neste momento que atingem o auge da sua vulnerabilidade. Estão acorrentados e assustados num espaço muito escuro. Os captores têm rostos semelhantes a máscaras, sem nariz; os seus pescoços estão presos em três pontos. Os Selenitas parecem-se com insectos, concretamente formigas gigantes, que se deslocam sobre as patas traseiras. Antes de possuírem a informação que lhes permitirá enfrentá-los, os dois homens sentem-se completamente desamparados num mundo desconhecido, incapazes de comunicar ou de aprender uma língua estranha e obrigados a adoptar um estilo de vida subterrâneo em que a escuridão, os abismos e a gravidade insuficiente os colocam permanentemente em risco.

### **Deixando a Lua: violência**

Apesar de se encontrar numa situação perigosa, a fragilidade humana não extingue o princípio de sobrevivência. A determinado passo os captores obrigam-nos a atravessar uma ponte que eles pensam que se quebrará por não ter sido feita para suportar matéria tão pesada e os lançará num abismo e, por conseguinte, na morte. Incapazes de explicar aos habitantes da Lua que a estrutura da ponte é incompatível com o peso dos seus corpos, eles veem-se forçados a lutar pela vida. Repararam, então, na sua supremacia, pois os Selenitas nem são fisicamente fortes, nem militarmente competentes. No interior da Lua, eles criaram uma sociedade rigidamente disciplinada e são surpreendidos pela coragem com que os dois homens desobedecem ao poder estabelecido. Além disso, as suas armas são ineficazes contra os humanos e não dispõem de meios adequados a suprimir a revolta ou a conter a força física dos intrusos.

Uma vez invertidos os papéis – com os agredidos agora transformados em agressores –, a ambição instala-se. As regiões profundas da Lua são ricas em ouro e Bedford entusiasma-se com as vantagens que daí podem resultar. Pondera levar consigo uma quantidade razoável de ouro, construir uma esfera

maior e regressar à Lua com armas que permitam subordinar os habitantes e extrair a riqueza lá existente.

Movido pelo desejo de riqueza, Bedford massacra os adversários sem remorso ou hesitação: esmaga as suas cabeças, pisa-os, arremessa-os para longe, à medida que vai penetrando nas regiões mais profundas do planeta. Cavor, o cientista, pelo contrário, sente-se chocado com os actos de agressão que testemunha, mas é incapaz de protagonizar uma oposição eficaz. Ele desempenha, de modo incompleto, o seu papel de homem de ciência, aquele que “representa a força revolucionária capaz de accionar utopias a partir de um imperativo interior”<sup>10</sup> (Draper 1987, 57), pois este papel é indissociável do de homem de acção que participa na correcção dos males com que se depara. Para H. G. Wells, o trabalho do cientista deve ser colocado ao serviço da comunidade e não servir apenas interesses de realização pessoal. O próprio nome desta personagem evoca a alegoria da caverna, de Platão. Ele vê para além da escuridão, argumenta que a comunicação é preferível à força e segue a luz do conhecimento, não interesses pessoais ou bens materiais. Apesar disso, no final, é tanto uma vítima dos seus captos como cúmplice no massacre que os dizima.

Bedford regressa sozinho à Terra, deixando Cavor com os Selenitas. Quando estes se apercebem de que o cientista está em contacto com a Terra, receiam que ele partilhe o segredo da viagem espacial e matam-no. A violência contamina tanto os humanos como os Selenitas, eles próprios esmagados por uma governação rigidamente hierarquizada, que não permite contestação, desobediência ou pensamento autónomo. É, aliás, esta uma das razões por que a sociedade lunar não está preparada para o ataque dos humanos e facilmente sucumbe às mãos de Bedford. Mas o regresso à Terra não interrompe a sucessão calamitosa de eventos, uma vez que a negligência de Bedford, que deixa a esfera não vigiada na praia, leva à morte de uma criança, que entra nela e parte em direcção ao espaço. Sem conhecimento para fazer uma nova esfera, Bedford viverá apenas de um equívoco: recebe os louros pela publicação de um relato que é tido como ficcional. E a hipótese de uma segunda viagem espacial é improvável.

Das hipóteses formuladas, ficou comprovado que a viagem espacial é possível e que existe vida inteligente no Universo. Ficou igualmente claro que a humanidade não está preparada para usar o conhecimento que detém, pois continua presa a mitos antigos que geram violência e abortam as possibilidades de progresso.

---

10 No original: “representative of the revolutionary force capable of exploding utopias from within” (Draper 1987, 57).

## Conclusões

Tal como outros livros de Wells, *The First Men in the Moon* demonstra o carácter didáctico da escrita para este autor que, nas palavras do filho, ambicionava, acima de tudo, vir a ser “um dos melhores professores do mundo” (West 1985, 46)<sup>11</sup>. A experiência de Bedford e Cavor na Lua constitui, nesta linha, uma aprendizagem da qual se podem tirar várias lições. A primeira é de que a natureza humana é impelida pelo desejo insaciável de conhecimento e de posse. Isto leva à exploração, tanto num sentido de descoberta (científica, geográfica), como de dominação (de outros povos e da natureza). Não há exploração sem invasão, e os invasores são sempre indiferentes à devastação e ao sofrimento que causam. O choque de culturas acentua o instinto de defesa do que nos é próprio. À medida que lutamos pela sobrevivência, a inocência é substituída pela violência, a qual explode quando nos sentimos ou excessivamente impotentes ou exageradamente poderosos. Assim, é muito ténue a linha que divide a vítima do agressor, pois a primeira pode transformar-se rapidamente no segundo e vice-versa. Neste quadro, a narrativa sobre a viagem à Lua e a descrição das personagens e acções contêm indícios sobre a vida na Terra e o futuro da existência humana.

Wells acreditava que a ciência desempenhava um papel importante na desmistificação da posição que ocupamos no universo. Perante a vastidão do cosmos, ele esperava que sobreviesse a percepção da nossa insignificância e pequenez, aqui evidenciada através do absurdo sonho imperialista de Bedford. Nada deveria contrariar esta evidência, nem sequer o sonho utópico de encontrar uma sociedade que, constituída pelos antípodas do que nos é familiar, nos oferecesse uma oportunidade de perfeição. No processo de testagem das hipóteses o autor demonstrou não haver mundos perfeitos, apenas desafios que nos colocam perante o dilema e a escolha a favor do bem comum ou de interesses pessoais. O mesmo processo comprovou ainda que o conhecimento científico sem acção prática não é mais do que esclarecimento imobilizado.

Quanto ao fim das duas personagens, ele replica um desencanto recorrente na ficção científica do autor. Cavor morre e Bedford torna-se um homem rico, na Terra, devido ao ouro que traz da Lua. Além disso, este último obtém o tão desejado reconhecimento literário que buscava, na sequência da publicação do relato das suas aventuras lunares, falsamente tidas como ficção. Mantém-se

---

11 No original: “[...] the height of his aspiration was to become one of the world’s great teachers”.

indiferente ao sofrimento alheio, como é exemplo a reacção perante a dor sentida pela família do rapaz que parte, acidentalmente, para o espaço. Ele culpa Cavor pelo que aconteceu e defende o uso da força e o recurso à dissimulação como estratégias legítimas de sobrevivência.

O livro não oferece uma perspectiva optimista para o futuro e alimenta, até ao fim, a tensão entre inocência e violência. Repare-se como a acção impensada (inocente) do rapaz na praia o conduz a uma morte solitária e lenta (violenta), na escuridão cósmica. Note-se ainda que a personagem mais pacífica morre e a mais agressiva prospera. Este é um dos traços mais persistentes da ficção científica de H. G. Wells, dividida entre forças criativas e destrutivas associadas às possibilidades do progresso científico. Neste como noutros livros do mesmo autor, as dicotomias encontradas (medo e fascínio, informação prática e conhecimento científico, inocência e violência, luz e escuridão) coexistem, enquanto aspectos duais e complementares do ser humano e da vida. A própria condição humana, aqui representada por duas personagens opostas, o homem de ciência e o homem prático, demonstra que o verdadeiro herói do livro não é um protagonista singular, mas toda a humanidade. E o desfecho alerta para o esforço que exige criar e manter um mundo justo.

Na ficção, como na realidade histórica, é fundamental encontrar e preservar o equilíbrio entre contrários, especialmente entre a razão e a imaginação, a contemplação do bem e a acção que poderá encaminhar o ser humano para o progresso sem excessos de perigo ou de violência. Sem este equilíbrio, a derradeira hipótese que o livro nos convida a considerar é a de não conseguirmos criar mitos novos – uso do conhecimento para o bem comum e cooperação social – capazes de conter a destruição que tem caracterizado a vida no planeta Terra. Como afirma Borrello, é difícil não vermos na obra de Wells “derrota e aniquilamento no futuro da humanidade” (Borrello 1972, 6). Vemo-la e esperamos, tal como o autor, que esta seja apenas uma hipótese provisoriamente válida.

## Bibliografia

- BLAKE, William. 2008. *Songs of Innocence and Songs of Experience*. <https://www.gutenberg.org/files/1934/1934-h/1934-h.htm>: [1798; 1794].
- BORRELLO, Alfred. 1972. *H. G. Wells: Author in Agony*. Southern Illinois University Press.
- DICKSON, Lovat. 1972. *H. G. Wells: His Turbulent Life and Times*. Harmondsworth: Penguin Books.
- DRAPER, Michael. 1987. *H. G. Wells*. London: Macmillan.

- HAYNES, Rosalind D. 1980. *H. G. Wells, Discoverer of the Future. The Influence of Science on his Thought*. London: Macmillan.
- MCCONNELL, Frank. 1981. *The Science Fiction of H.G. Wells*. Oxford: Oxford University Press.
- VAIHINGER, Hans. (1898) 2009. *The Philosophy of 'As If': A System of the Theoretical, Practical and Religious Fictions of Mankind*. Eastford: Martino Fine Books.
- WELLS, H. G. s.d. *A guerra dos mundos*, tradução de H. da Silva Letra. Lisboa: Livros Unibolso em associação com a Editora Ulisseia.
- \_\_\_\_\_. (1901) s.d. *The First Men in the Moon*. Edimburgh: Thomas Nelson & Sons.
- WEST, Anthony. 1985. *H. G. Wells: Aspects of a Life*. Harmondsworth: Penguin Books.